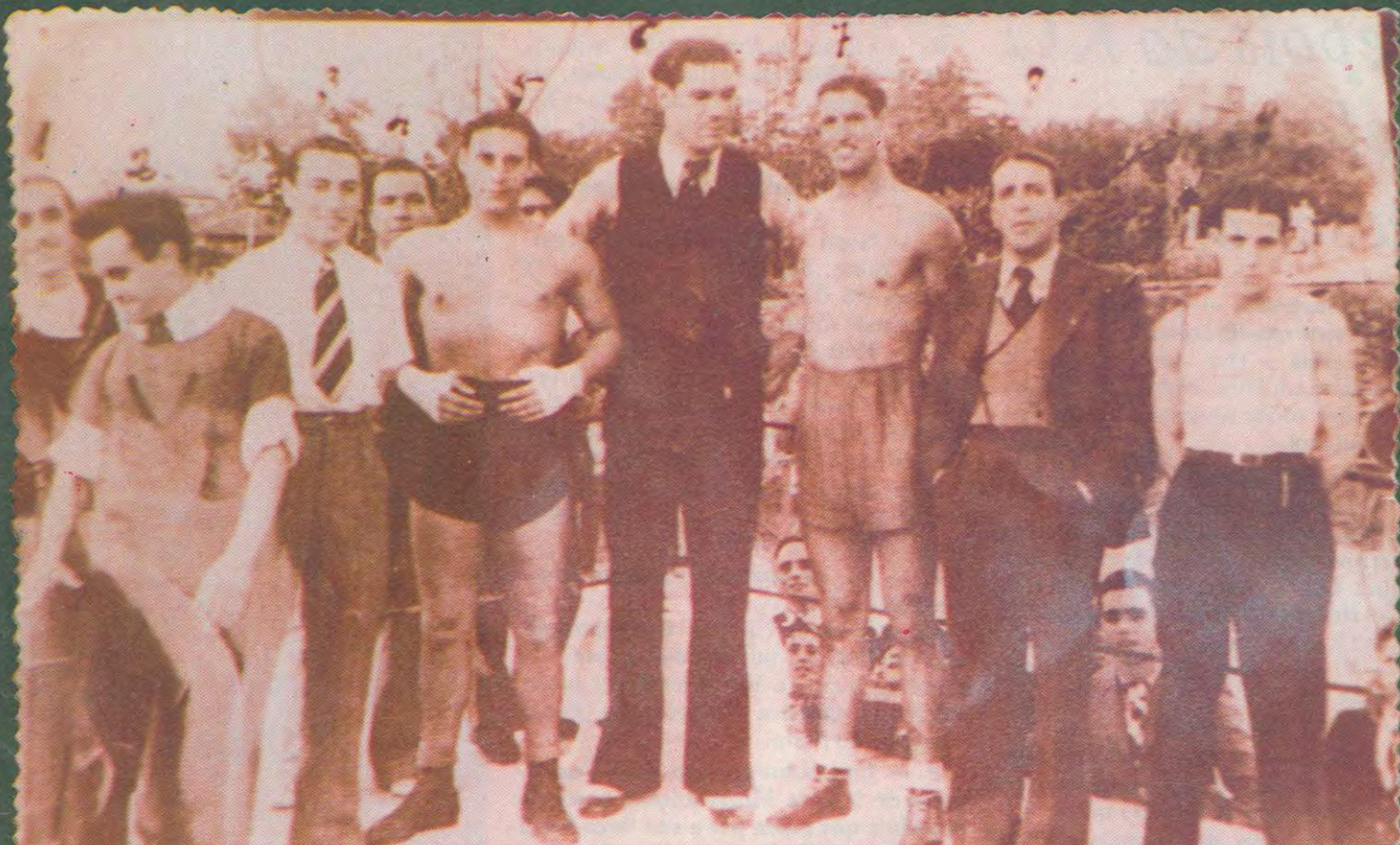


Fernando Assis Pacheco (texto)
Joaquim Lobo (fotos)

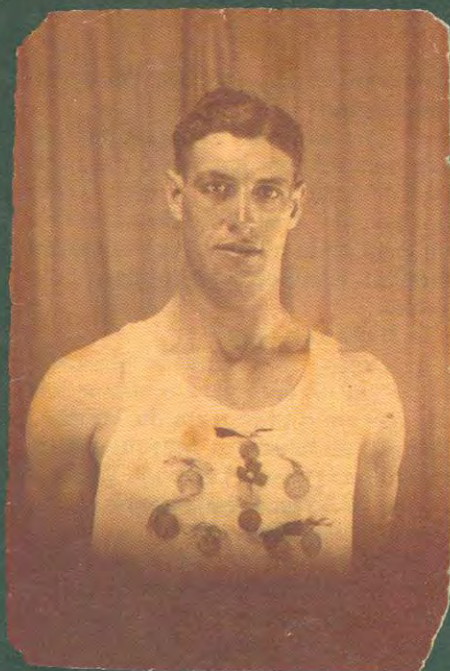
Pendurou as luvas há quase meio século, aureolado com o título de campeão (amador) do Norte de Portugal e respondendo ao *soubriquet* Santa Camarão de Moçambique. O Camarão verdadeiro conheceu-o bem, foram amigos e parceiros em combates de demonstração. João Pontes da Cunha, 77 anos, poveiro de volta à terra natal, tem vivas todas estas recordações, mas do que melhor se lembra é de Moçambique, onde nasceu para o boxe sob as ordens de Horácio Caldeira e Henry Parisot, bons pegadores, ou medindo forças com Santos Mielletti, por alcunha o *Castigo*, todos três mulatos, antes de se fazer maquinista de guindastes. Na história entra também Aníbal de Abreu, um rival despachado por KO que lhe custou a mão partida. Outros tempos!

João Cunha, o Santa Camarão de Moçambique

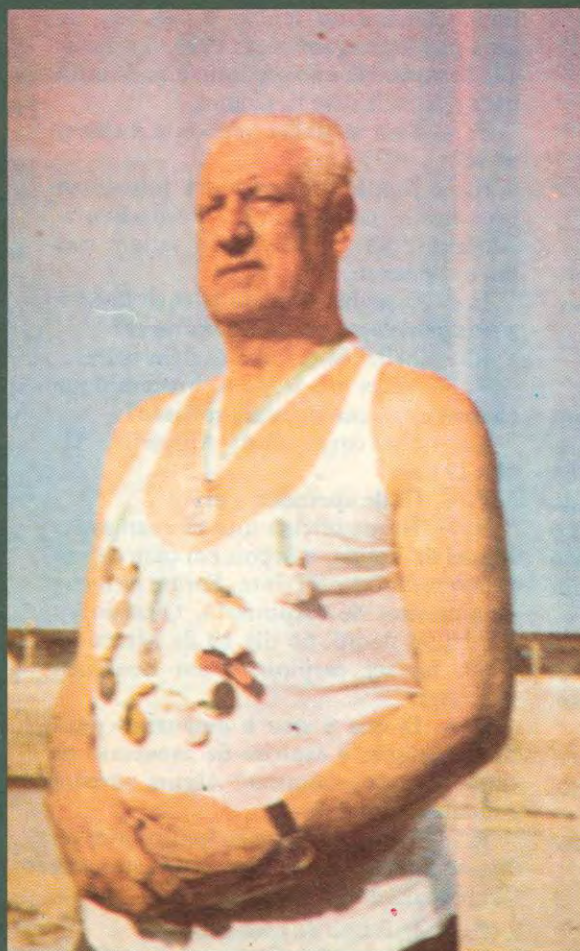
*Quatro cordas
e um guindaste*



José Santa Camarão entre João Cunha (à sua esquerda) e Aníbal de Abreu, finalistas do Campeonato do Norte de pesados — amadores — que o nosso entrevistado ganhou em Vila Nova de Gaia



Ele não teve nunca prémios em dinheiro: só medalhas. A situação nos caminhos-de-ferro (mais tarde nos Portos) de Moçambique impediu-o de profissionalizar-se



Os dois Santa Camarão: à direita o legítimo, filho de um fragateiro da Ria de Aveiro, à esquerda o seu herdeiro, filho de um pescador da Póvoa

Depois do KO eles voltam a ser amigos

«Jornal Ilustrado» — O senhor foi pugilista durante quanto tempo?

João Cunha — Dez anos. Fui para Moçambique em 1930, com 19 anos, e sei lá, praticava todos os desportos amadores. Até futebol.

P. — Era um craque?

R. — Joguei nas reservas do Desportivo de Lourenço Marques. E nas reservas do Ferrovário, também de Lourenço Marques. Depois praticava atletismo...

P. — No futebol jogava a que lugar?

R. — Guarda-redes.

P. — Vi logo, com essa altura. O senhor mede quanto?

R. — Um metro e 91.

P. — Eu adianto-me à sua história de pugilista e recordo aquela regra de ouro da modalidade que é: fora das quatro horas tem que haver um comportamento digno, sobretudo não se envolver em rixas, em cenas de violência. O sr. João Cunha cumpriu-a sempre?

R. — Claro, porque eu praticava o desporto por amor. Aliás, o boxe fi-lo sempre como amador: não podia ser profissional porque era funcionário do Caminho-de-Ferro de Moçambique, ou seja, Portos, Caminhos-de-Ferro e Transportes da província. Fui maquinista de guindastes.

P. — Como o Costa Pereira, o famoso guarda-redes do primeiro Benfica campeão europeu de futebol.

R. — Fui colega e amigo dele.

P. — É uma excelente pessoa.

R. — Muito amigo. Eu tenho amigos em Portugal que jogaram em todos os clubes de Lourenço Marques, ainda há dias cumprimentei aí o Juca, que era do meu tempo, jogava no Sporting de lá. E o Coluna, o Costa Pereira, o Hilário. São meus amigos, meus conhecidos de Lourenço Marques.

P. — Issão são estrelas já dos anos 50/60. O sr. João Cunha tornou-se conhecido antes, nos anos 30. A propósito, está com que idade?

R. — Tenho nesta altura 77, felizmente desempenados. É que eu não fumo, não bebo álcool, faço uma vida regrada.

P. — Já não pratica desporto. Como mantém a sua forma?

R. — Agora é passear, passear. E correr Portugal do Norte ao Sul.

P. — Turismo? Estando nós a falar aqui numa agência de viagens na Póvoa

de Varzim, depreendo que é um bom cliente da casa.

R. — Cliente da Rondatur há 16 anos, para mais. Gosto de matar saudades, visitar os amigos — que tenho desde o Algarve a Trás-os-Montes —, conviver, conhecer Portugal.

P. — O sr. Cunha é natural mesmo da Póvoa?

R. — Nasci na Rua Patrão Sérgio, Bairro Norte. Sou filho de pescador. O meu pai era Domingos Francisco da Cunha e a mãe Albina da Costa Pontes.

P. — Mais tarde, assim rezam as crônicas da época, veio a ser conhecido por Santa Camarão de Moçambique. O Camarão legítimo, José Santa, de Ovar, era filho de um fragateiro. Sabia disso?

R. — Sabia muito bem. O José Santa contou-me até a vida toda dele, quando jogou comigo em 1938.

P. — Ah, os senhores mediram luvas um com o outro.

R. — Fizemos uma demonstração aqui na Póvoa, no Estádio Gomes de Amorim, o antigo Velódromo, por intermédio do Oliveira Valença, do jornal *Sporting*, do Porto.

P. — Consta-me que o sr. João Cunha, antes de ir para Moçambique, antes de descobrir que podia pôr a sua força física e a sua elasticidade e o seu jeito da esqui-va ao serviço do boxe, foi pedestrianista.

R. — Corredor de estrada. Tenho até uma medalha do tempo da escola, de uma prova que ganhei em 1929, nos meus 17, 18 anos. No ano seguinte é que eu fui para África. Estive lá 42 anos.

P. — Essa medalha ganhou-a a correr onde?

R. — Numa prova pedestre entre escolas, nesta região aqui: Póvoa-Beiriz-Amorim-Póvoa. A distância seriam uns dez quilómetros.

P. — O senhor ganhou porque tinha a perna grande e uma boa caixa de ar?

R. — Felizmente tinha as duas coisas.

P. — Antes de ir para Moçambique chegou a exercer alguma profissão?

R. — Era carpinteiro. Aprendiz. Tinha 19 anos!

P. — Onde aprendeu a arte?

R. — Numa oficina que se chamava o Manel da Venda, e depois em casa de um primo meu, o José Trinta. Foram os meus dois mestres de carpintaria. Quando eu saí depois daqui, no dia 19 de Março de 1930, fui ser carpinteiro em Lourenço Marques.

P. — O que é que o empurrou para Moçambique: o espírito de aventura, as dificuldades económicas? Algum parente o chamou para lá?

R. — Por acaso o meu pai estava no Brasil, em Manaus, com um irmão meu. Trabalhava em transportes.

P. — Que tipo de transportes?

R. — No rio Amazonas.

P. — Sabe que aqueles barquinhos do

Amazonas se chamam gaiolas? Os que levam passageiros.

R. — E eu não quis ir para a companhia do meu pai, porque o meu pai queixava-se do meu irmão e o meu irmão queixava-se do meu pai. Nessa altura quis ir para onde não houvesse ninguém da família. Emigrei sozinho para Moçambique.

P. — Nada na manga?

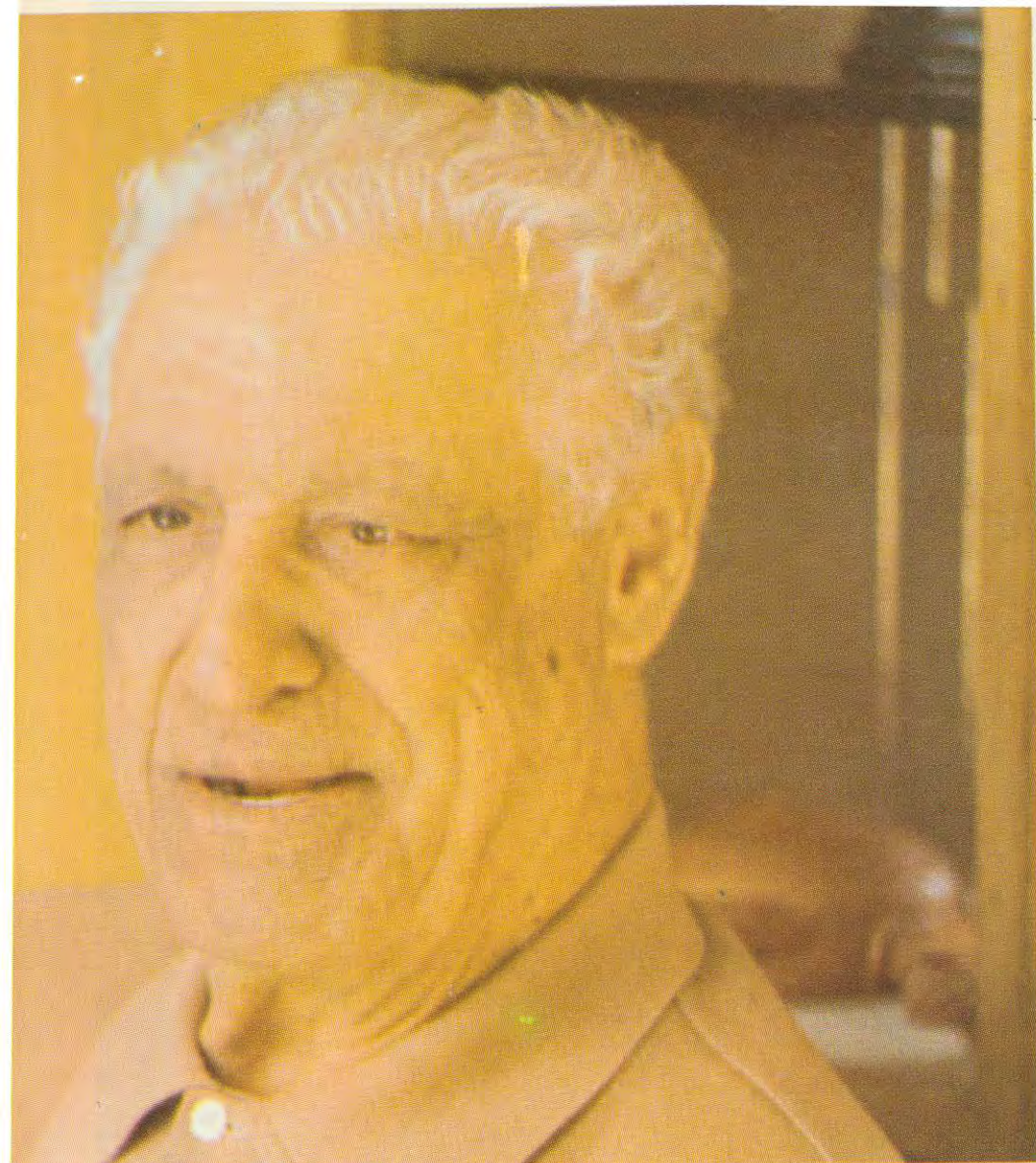
R. — Levava uma carta de recomendação de um tio meu para o doutor juiz Viana, que era o presidente do Tribunal da Relação de Lourenço Marques. Tem aqui um filho, o Manuel Garrido Viana.

P. — O dr. Viana empregou-o onde, sr. Cunha? Num tribunal?

R. — Eu primeiro trabalhei pela arte, em 1930: fui carpinteiro por conta de outros. E em 1931 entrei para o Caminho-de-Ferro, para os Portos, Caminhos-de-Ferro e Transportes da Província de Moçambique, que tinham os portos, a viação e o comboio.

P. — Calculo que não lhe puseram logo um guindaste nas unhas.

R. — Entrei para capataz de via, fiz isso durante três anos. Trabalhava na linha. Corri Moçambique todo em serviço, desde Lourenço Marques até Nampula, no Norte. Depois em 1948 é que eu corri para os guindastes, como ferroviário que era já.



O que falta hoje no boxe é interesse, interesse dos atletas e do público. E bons empresários

P. — E foi aí que se encontrou com o Costa Pereira.

R. — O Costa Pereira também concorreu no mesmo tempo: fomos colegas lá.

P. — Voltando atrás, sr. João Cunha, o que de facto o empurra para a emigração são as dificuldades da vida: família de sete irmãos...

R. — Sete. Eu era o terceiro. Já morreram os dois mais velhos, actualmente sou eu o mais velho de cinco.

P. — Emigraram quase todos?

R. — O mais velho de todos não emigrou, de resto todos se foram embora. E houve uma irmã que também nunca chegou a sair da Póvoa. Mas até a mais nova, que é professora, emigrou: esteve até em Nacala, em Moçambique. Por meu intermédio foram praticamente quase todos para lá.

P. — E aquele irmão seu que foi para Manaus, o que é que lhe sucedeu?

R. — Esse foi de Manaus para o Rio de Janeiro e acabou por vir embora mais tarde. Esteve como zelador municipal aqui na Póvoa, da Câmara da Póvoa. Morreu deixando oito filhos, quatro do primeiro matrimónio e quatro do segundo.

P. — Vamos então ao boxe. Como é que ele apareceu na sua vida, sr. João Cunha?

R. — Boxe porquê? Porque eu estava

no Caminho-de-Ferro, como ferroviário... Não, foi antes mesmo de eu ir para ferroviário, por influência de um *boxeur* chamado Horácio Caldeira e de outros, o Santos Mieletti, *Castigo*, e um grego que era o Kokias. Eu estava numa *república*, uma residência de rapazes, e uns amigos viram que eu tinha vontade.

P. — Vontade? Explique-se lá.

R. — Fazia desporto. E eles viram o meu físico, e então levaram-me para o boxe. O Horácio Caldeira trabalhava numa oficina perto da *república* e eles chamaram-no lá para me entusiasmar. Foi meu professor, este Caldeira.

P. — Que espécie de professor era ele?

R. — Era bom. Era muito conhecido. Fizemos portanto um combate — uma estreia —, e treinava-me todos os dias.

P. — Essa estreia foi contra quem?

R. — Contra o próprio Horácio Caldeira meu mestre. Mas o principal professor veio depois a ser o Henry Parisot, que era misto, do Cabo. Sul-africano. Foi meu professor e *manager*.

P. — Essa força da natureza tinha de ser burilada, afeiçãoada. O que lhe ensinaram os mestres? A arte da esquivas?

R. — A arte da esquivas. A ginástica. E uma vida moderada. Nada de álcool, nada de cigarro, sempre por causa do desporto. Quando digo vida moderada era

uma vida muito regrada, muito metódica.

P. — Cedo erguer...?

R. — Levantava-me cedo, ia para o serviço... Mas fazia os meus extras: uns passeios à África do Sul, conheço-a toda desde o Cabo a Joanesburgo, Durban, Port Elizabeth e tudo. Gostava de passear. E também gosto de dançar: mantém o ritmo e mantém a estética!

P. — Como *boxeur* foi sempre amador?

R. — Já lhe contei: não me podia profissionalizar. Porque eu estou reformado dos Caminhos-de-Ferro de Moçambique com 42 anos de África e 41 de serviço. Entrei para os Caminhos-de-Ferro e três anos depois fui logo para o quadro.

P. — A sua carreira foi no mínimo interessante como *boxeur*, ao ponto de lhe chamarem Santa Camarão e disputar um campeonato em Portugal.

R. — Primeiro fiz a demonstração com o José Santa Camarão aqui na Póvoa, no Velódromo, e depois é que disputei o campeonato.

P. — Nos combates de demonstração



Eu descuidei-me e dei um directo ao Santa Camarão...

combina-se previamente que um não aleija o outro?

R. — Mas há vontade de mostrar o que sabemos. Há uma fotografia que eu tenho, de um gesto do José Santa, porque eu descuidei-me e dei-lhe um *uppercut*...

P. — E ele?

R. — Deu-me logo um directo! Eu saí, mas...

P. — Foi olho por olho?

R. — O atrevido tinha sido eu.

P. — O Santa Camarão era um homem de muita força?

R. — Muita, muita. Não tinha era grande técnica.

P. — Faltou-lhe isso para ser um *boxeur* de nível internacional?

R. — Pois foi, porque força tinha ele.

P. — Retratar-se, sr. João Cunha, há 40 anos: também tinha mais força do que técnica, ou mais técnica do que força? Ou equilibrava as duas?

R. — Tinha mais força, embora desenvolvesse a técnica. Mas ganhei várias vezes por KO precisamente pela força que tinha.

P. — Quantos KOs na carreira?

R. — Dei pelo menos uns cinco.

P. — O que sente um *boxeur* quando vence o adversário por KO? Sente um bocado de pena?

R. — Pena, sim. Mas também fica en-

Boxe moderno invadido pela droga

tusiasnado! O que é, no fim do combate voltamos a ser amigos.

P. — E o sr. João Cunha sofreu algum KO?

R. — Sofri três.

P. — Há KOs e KOs, já sei. Mas como é que se fica depois de um assim mais puxado?

R. — Houve um KO com esse Horácio Caldeira que... Eu não tinha jantado e depois fomos cear, e então no restaurante eu ainda perguntei ao meu *manager* quem tinha ganho! Fiz um primeiro combate com o Horácio Caldeira, que ganhei, no segundo — que foi esse — perdi. O KO foi bem aplicado por ele.

P. — Qual é o golpe mais terrível no boxe?

R. — É o *uppercut* nos queixos.

P. — Isso abala a cabeça toda?

R. — Ai abala, abala! O Aníbal Abreu, uma vez em Vila Nova de Gaia, que o José Santa foi o árbitro, ganhei-lhe por KO com um soco nas fontes e fracturei aqui este osso, está o senhor a ver? Foi o pai do dr. Espregueira Mendes que me endireitou a mão. No ano de 1939.

P. — Mas o senhor tinha as luvas calçadas!

R. — E tinha, mas dei-lhe com tanta violência que parti a mão.

P. — Os golpes na cabeça não acabam por deixar mazelas graves?

R. — Quando são muitos. Mas é preciso dizer que às vezes o pior não é o soco que se leva, mas as caroladas.

P. — As cabeçadas?

R. — No corpo-a-corpo, com as cabeças encostadas, sabe como é. Foi o que aconteceu muitas vezes com o Beni Levi, também meu amigo. Deu e apanhou muita caroladas. Mas quem dava mais era o Miguel França: tinha o hábito do corpo-a-corpo, encostava-se ao adversário e sacudia a cabeça.

P. — Há algum remédio?

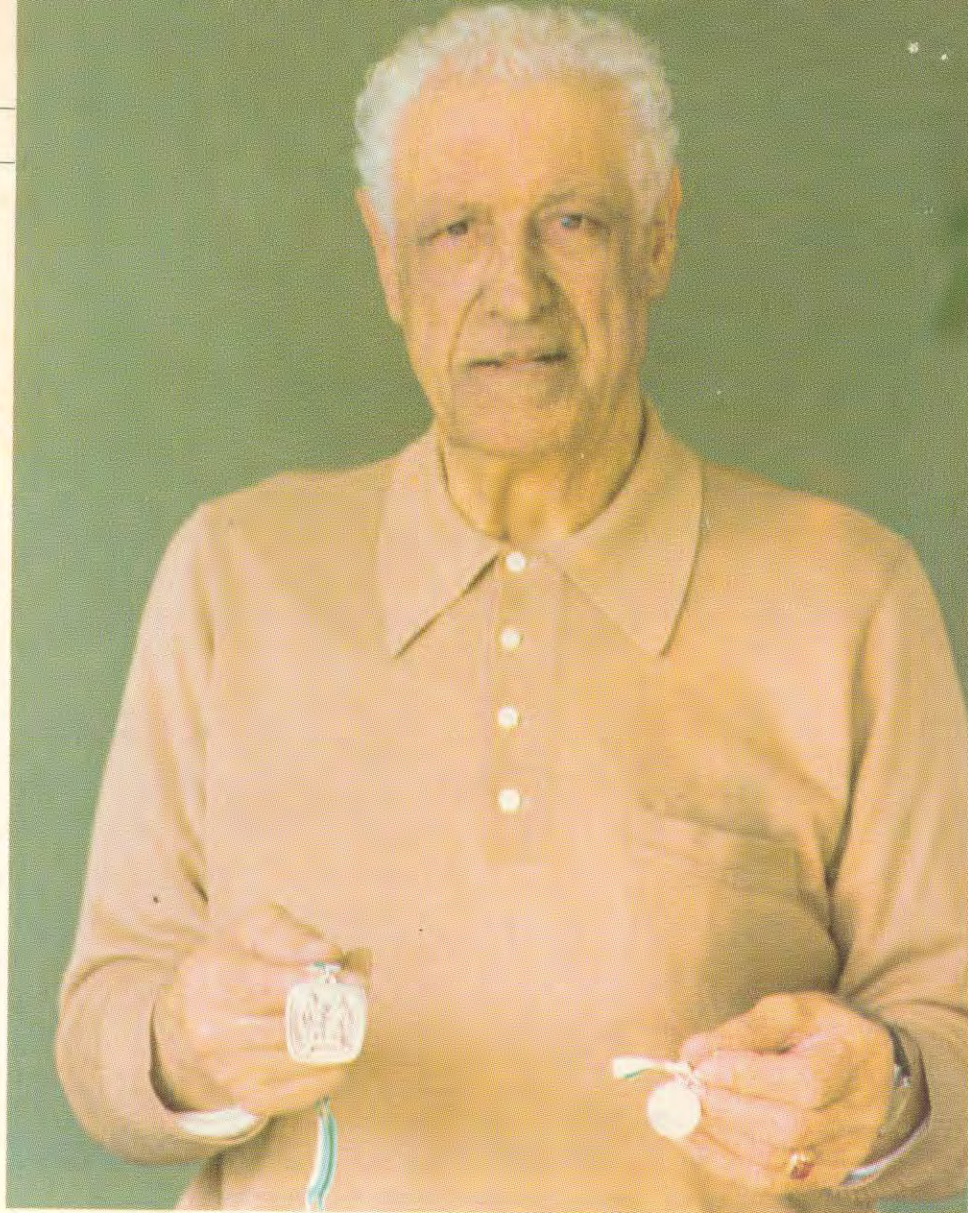
R. — É pôr o adversário à distância.

P. — E golpes baixos, também lhe deram?

R. — Deram, pois. Mas nós usamos uma *coquille* metálica para protecção dos testículos.

P. — As luvas são pesadas?

R. — Há de várias onças: para os mínimos, os meios-médios, os médios, os meio-pesados e os pesados. Eu era pesado, dos 85 quilos para cima. Cheguei a



O ex-maquinista de guindastes vive das suas recordações, sobretudo desportivas. Corridas de fundo, futebol, boxe...

pesar 100. Um metro e 90 com 100 quilos.

P. — Olhe o que um directo nos queixos puxado por um corpanzil desses...

R. — E não é só o peso: se for com um balanço do corpo, duplica a força.

P. — Vamos voltar à década de 30, quando João Cunha é um boxeur muito conhecido e vem combater na Europa. Posso saber como foi?

R. — Vim por intermédio da Santa Camarão e do Oliveira Valença disputar a meia-final do campeonato do Norte de amadores contra o Abílio Silva, aqui na Póvoa. Ganhei, e depois fui jogar a final com o Aníbal de Abreu em Gaia. Aí arbitrou o José Santa. Foi no campo do Vilanovense.

P. — O senhor estava em boa forma? Como nunca?

R. — Tinha nessa altura 28 anos...

P. — O José Santa Camarão fartou-se de gabá-lo, eu sei.

R. — E não só ele: também o Albano Campos, que era um *boxeur* desse tempo. Havia bons *boxeurs* em Portugal. O José Santa, o Albano Campos, o António Rodrigues e outros.

P. — Por então o José Santa Camarão ainda fazia boxe?

R. — Já não, estava retirado.

P. — Ele não andou pelos Estados Unidos?

R. — Andou, andou. Era estivador cá e uma vez foi aos Estados Unidos fazer boxe em várias terras, o *manager* levava-o para um sítio e para o outro. Contou-me ele, chegou a fazer dois combates no mesmo dia. Acabou por vir embora, já na decadência, muito em baixo.

P. — Deve ser um momento péssimo para um boxeur, constatar que entrou em declínio.

R. — Eu conheci um filho dele com quatro anos no Porto. Esse filho há-de estar na América.

P. — E eu conheci o José Santa em Ovar, que era a terra natal dele, num cafezinho. Meu pai apresentou-mo, quando foi a cumprimentá-lo tinha umas mãozoras que as minhas desapareceram dentro delas!

R. — O cafezinho foi do que o José Santa viveu para o fim.

P. — Quem lhe chamou a si, sr. João Cunha, o Santa Camarão de Moçambique? Foram os jornais da época?

R. — Depois de eu jogar com ele aqui em Portugal — chamava-se José Santa, por alcunha o Camarão —, voltei para

Moçambique... Foi em 1939, que eu vim cá de licença graciosa. Quando voltei, a Imprensa de Lourenço Marques e os entusiastas do boxe começaram a chamar-me Santa Camarão, Santa Camarão! De Moçambique.

P. — Tenho informações de que em África, para além dos seus mestres no início da carreira, o sr. João Cunha frequentou uma escola de pugilismo.

R. — Do Manuel Canelas, no Clube Ferroviário. O Canelas era algarvio, e funcionário como eu dos Caminhos-de-Ferro. Fez lá uma sala de boxe onde se tornaram conhecidos homens como o Beni Levi e o Tafari.

P. — João Cunha aparece antes dessa gente. A seguir vem uma fornada, creio que já com a assinatura do Manuel Canelas, de que fazem parte o Beni Levi, o Carlos Wilson, o Luis Eugénio Xangai...

R. — O Tafari!

P. — O Tafari é mais tarde, sr. João Cunha. Eram estes de que lhe falo e ainda o Fernando Matos. Numa segunda leva saltam para Lisboa o Júlio Neves, o João Tafari, o Jorge Larsen, o *Pantera Negra*... Desta gente toda quem foi na sua opinião a grande figura?

R. — O Beni Levi. De todos eles foi o melhor. E havia uma rapaz também muito bom, o Águas, mas esse morreu de pressa.

P. — Diga-me uma coisa, o senhor que correu a África do Sul toda: o boxeur branco podia combater com o mestiço ou com o negro?

R. — Na África do Sul não. Agora em Lourenço Marques fazia-se de tudo. O Carlos Wilson, que morreu cá em Portugal tuberculoso, era preto moçambicano. O Larsen era misto, e o Tafari também, descendente de china.

P. — O sr. João Cunha alguma vez combateu com um negro ou um mestiço?

R. — Com o Santos Mieletti, o *Castigo*, e o Horácio Caldeira, sim senhor. Eram mistos. Só o Kokias é que era branco.

P. — O senhor pendurou as luvas com que idade?

R. — Dos 29 para os 30.

P. — Na sua opinião, o que falta ao boxe em Portugal para voltar a ser uma modalidade de grande nomeada? Porque a verdade é que foi, com o Santa Camarão, o Cruz Coelho e depois as tais fornadas de moçambicanos.

R. — E o Albano Campos, que também foi muito bom. Antigamente havia muitos e bons, pois havia. Porque havia entusiasmo. E empresários como o Rocha Brito, que teve uma sala no Porto e outra em Lisboa.

P. — Em Moçambique como se passavam as coisas?

R. — Havia um grande entusiasmo, mas acabou no tempo do Beni Levi. Ele veio embora, vieram-se embora os outros... E o Canelas também morreu... O

que hoje falta é interesse, interesse dos *boxeurs* e do público. Agora já se joga boxe com os pés, que não é boxe nem é nada, é luta! Boxe é com as mãos! Com os pés é a capoeira do Brasil!

P. — Que qualidades deve ter um boxeur para ser de facto bom? Fisicamente tem que ter força...

R. — Força nos pesados, nos pesos leves não. Mas mesmo o *boxeur* com força tem que levar uma vida regrada, porque se não levar uma vida regrada não pode ser *boxeur*: isso não serve para o atleta. É preciso não fumar, não perder muitas noites, não beber bebidas alcoólicas — à refeição está bem, mas fora dela nunca —, que é o que um bom treinador e um bom *manager* devem aconselhar. Aconselhar e obrigar.

P. — Aqui entre nós dois, sr. João Cunha, o senhor acha que mesmo os grandes campeões negros norte-americanos fazem essa vida regrada?

R. — Não fazem, porque agora infelizmente até é à droga. É o mesmo que acontece com o atletismo. Muitas vezes não é o atleta que a toma, sabe? Obrigam-no a tomar. É que, ganhando-se um combate, o *manager* e o treinador tam-

“No meu tempo Moçambique era uma família

bém têm parte da bolsa. Uma percentagem. Eu disse não sei, porque fui sempre amador: ganhei medalhas.

P. — Qual foi o seu último combate?

R. — Com o Rui de Oliveira, em Lourenço Marques.

P. — Foi uma demonstração?

R. — Não, foi a sério. Ganhei eu. E então acabei a carreira, porque estava a fazer 30 anos e entretanto fui transferido de Lourenço Marques para Nampula e fiquei sem tempo para treinar.

P. — E nos vinte e tal anos seguintes, até regressar a Portugal, o bichinho do boxe nunca mais o mordeu? O desporto, as corridas, que sei eu? Ou constituiu família e deixou-se disso? O casamento...

R. — Eu fui casado 34 anos, mas não tive filhos. Depois divorciei-me e em 1972 vim de vez, com 60 anos de idade e 41 de serviço, para a Póvoa de Varzim.

P. — Teve sempre amor pela terra natal?

R. — Sempre. Quando vinha de graciosa vinha logo para aqui. E agora só saio para conhecer Portugal inteiro e o estrangeiro, gosto muito de viajar. Meto-me em excursões para conviver e para rever não só familiares como amigos.

P. — Abandonado o boxe, sr. João

Cunha, passou a beber o seu copo, a comer o seu bom petisco?

R. — Na hora da refeição como e bebo bem, fora da refeição é raro. Noitadas, nada. Às vezes passeio à noite, mas só de sábado para domingo, o resto da semana às seis, sete horas já estou em casa. Gosto de ir à *matinée* e depois vou para casa ver televisão, ler o jornal, que é o *Notícias* do Porto, jantar... Onze horas, meia-noite deito-me.

P. — Quando voltou de vez, sr. João Cunha, como é que achou a Póvoa de Varzim?

R. — Achei que estava a crescer para o Norte.

P. — E hoje? Entende que a Póvoa merece bem o título de cidade?

R. — Sim. Mas há muita coisa que não está bem: a limpeza, o saneamento, os arruamentos (cheios de covas e com os passeios mal tratados).

P. — Se tivesse um ano para mudar a sua cidade para melhor, que medidas tomava?

R. — Não podia ser tudo num ano! Mas o que não está certo é que eles prometem uma coisa e acabam por não a fazer.

P. — E Moçambique, sr. João Cunha? Que lhe parece a situação do país neste momento?

R. — Se tivessem feito uma descolonização, uma independência com pés e cabeça, tínhamos ficado lá, como aconteceu no Brasil, e não havia a miséria que há.

P. — Acha portanto que se descolonizou com os pés.

R. — Com os pés! E houve muitos interesses.

P. — Como explica a fome actual em Moçambique? É a guerra?

R. — É preciso ver que os brancos que trabalhavam vieram todos para cá — e nós não éramos tão maus para os pretos como dizem, porque eles também vieram atrás de nós, estão aí aos milhares. Moçambique tem falta de quadros brancos. Há muita coisa abandonada que os brancos deixaram lá ficar. Assim como a gente descontou uma vida inteira para o Montepio e não recebe um centavo.

P. — A sua opinião sobre o falecido presidente Samora Machel?

R. — O Samora Machel não fazia bom governo. E nunca devia ter mudado o nome de Lourenço Marques para Maputo: aquilo foi em homenagem à mulher, que era do Maputo. O Maputo fica em frente a Lourenço Marques, na outra banda, e a mulher era de lá. O Maputo é a terra dos elefantes. Para mim a cidade fica sempre a ser Lourenço Marques: estive lá 42 anos. Nunca pensei que aquilo fosse para as mãos que foi — búlgaros, cubanos e russos a mandarem.

P. — Tem muitas saudades? Da terra, das pessoas, da vida que lá se vivia?

R. — De tudo, de tudo. Éramos uma família.